

FACULDADES INTEGRADAS FAFIBE  
CURSO DE PSICOLOGIA

SÔNIA APARECIDA RIBEIRO COLOSIO

AVALIAÇÃO DE ALTERAÇÕES DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS DE UMA  
CRECHE APÓS USO DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

BEBEDOURO  
2009

SÔNIA APARECIDA RIBEIRO COLOSIO

AVALIAÇÃO DE ALTERAÇÕES DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS DE UMA  
CRECHE APÓS USO DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado as Faculdades Integradas  
Fafibe, sob a orientação da prof.  
Andreza Cristiana Ribeiro Gomes para  
obtenção do Título de Psicólogo às  
Faculdades Integradas Fafibe, no  
curso de Psicologia.

BEBEDOURO  
2009

Colosio, Sonia Aparecida Ribeiro

Avaliação de alterações de comportamento em crianças de uma creche após uso da terapia assistida por animais / Sonia Aparecida Ribeiro Colosio -- Bebedouro: Fafibe, 2009.

43f. : il. ; 29,7cm

Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia -  
Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro, 2009.

Bibliografia: f. 33-34

1. Psicologia, 2. Terapia Assistida por Animais, 3. Agressividade. 4. Comportamento I. Título.

SÔNIA APARECIDA RIBEIRO COLOSIO

AVALIAÇÃO DE ALTERAÇÕES DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS DE UMA  
CRECHE APÓS USO DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como exigência para  
obtenção do Título de Psicólogo às  
Faculdades Integradas Fafibe, no  
curso de Psicologia.

Banca examinadora

---

Orientadora: Prof. Dra. Andreza Cristiana Ribeiro Gomes  
Faculdades Integradas Fafibe

---

Examinador: Prof. Adriana Farinazo  
Faculdades Integradas Fafibe

Bebedouro, 24 de novembro de 2009.

Dedico...

À **DEUS** pelo dom da vida e por, em muitos momentos aflitivos, proporcionar-me a sua paz e a serenidade para enfrentar os obstáculos que me atravessavam e superar os desafios.

A minha mãezinha **Nilce** (in memoriam), grande mulher de um coração bondoso da qual me espelho, especialmente por superar grandes vendavais e permanecer com sua candura e amabilidade. Que esteve junto a mim desde o início desta jornada, porém ao concluir esta caminhada encontra-se na grande morada. Te amo imensamente.

Ao meu pai **Carlos**, a quem agradeço pela vida, pelo carinho e pelo apoio em momentos tão importantes nestes últimos anos. Muito obrigado por tudo.

A minha irmã **Simone**, que mesmo distante sempre me incentivou e entendeu a minha ausência, o tempo passou, e com ele o sofrimento das despedidas e ausências. Obrigado pelas palavras de incentivo e apoio no momento mais difícil de nossas vidas.

Ao meu esposo **Paulo**, pelo companheirismo, incentivo, apoio e pela compreensão dos momentos de ausência, de isolamento nas infundáveis horas de estudo. Você soube entender, compreender, às vezes, até com o coração apertado, a atenção que não lhe foi dada devidamente, as datas que não pudemos comemorar. Hoje, no fim dessa longa caminhada, paro e digo muito obrigado pela compreensão, pelo estímulo nas horas de desânimo, pela atenção e por acreditar em mim. Te amo muito.

Aos meus filhos **Fernando** e **Fábio**, por serem muito mais do que eu sempre sonhei e pedi a DEUS, sempre me esperando de braços abertos nas poucas folgas, sem cobrar, me encorajando cada vez mais. Amo vocês.

SEMPRE AMAREI VOCES

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Dra. Andreza C. Ribeiro Gomes, pelo carinho, compreensão, paciência e por todo conhecimento transmitido para elaboração deste trabalho. Obrigado por acreditar no meu trabalho e me mostrar que sou capaz. E acima de tudo pela amizade, que no momento mais difícil da minha vida esteve do meu lado. “Obrigado” é uma palavra muito pequena para expressar esse sentimento de “nunca esquecerei”.

À Professora Mestre Karin Casarini, muito obrigado pelos ensinamentos e exemplos, você não imagina o quanto é especial e importante em minha vida. Espero um dia ser semelhante a você. Você me ensinou muito.

A todos os Professores que estiveram presentes nesses cinco anos, cada um com o seu jeitinho de ser contribuíram para este sonho se realizasse: Prof. Débora, Prof. Taiza, Prof. Rodrigo, Prof. Laura, Prof. Adriana, Prof. Vítor, Prof. Luciana, Prof. Gelsy, Prof. Renata, Prof. Sara, Prof. Marli obrigado por toda atenção, incentivos durante todos momentos que convivemos juntos. Seus ensinamentos foram de grande importância. Sentirei saudades.

Aos dirigentes e funcionários da creche “Loureço Santin” onde realizei a minha pesquisa muito obrigado pela oportunidade e por acreditarem no meu trabalho.

As crianças que participaram da pesquisa, espero ter contribuído para que se tornem cidadão de bem no futuro.

A minha amiga-irmã Fátima que a vida nos manteve tão próximas, constantes, porém, esta mesma vida encarregou-se, de nos separar; mas nem por isso, distantes. Nós que vivemos juntas tantas lutas e carregamos as marcas das experiências que tivemos, jamais poderíamos dizer Adeus! Mesmo distantes fisicamente, sempre estaremos juntas de coração.

A minha amiga e companheira de todas as horas Cinthia, quando se percebe que sentir é muito mais honesto que se dizer que sente, quando se acredita que adeus existe somente para os que querem dizer adeus; quando se vê que nem sempre estar junto é estar perto, fica tudo mais simples e puro. É assim a nossa amizade. Muito obrigado por você ter cruzado o meu caminho.

A todas as minha colegas de curso, obrigado pela convivência nesse cinco anos, principalmente àquelas que me ajudaram e incentivaram a chegar aqui.

Aos funcionários da biblioteca, da informática, da clinica de psicologia, e os demais de modo geral, sempre atenciosos, dedicados, presentes em todos os momentos. Sempre fazendo o melhor para nos proporcionar o melhor. O que seria de nós, sem vocês. Que Deus jamais deixe de interceder por vocês. Obrigado por tudo.

E como não poderia deixar de falar da minha cachorra "Dara" companheira deste trabalho.

*“O futuro tem muitos nomes.  
Para os fracos, é o inalcançável.  
Para os temerosos, o desconhecido.  
Para os valentes, é a oportunidade”.*

(VITOR HUGO)

## RESUMO

A vinculação humana com bichos de estimação acrescentou um novo tipo de relação com complexidade e características próprias, sendo que povos de diferentes culturas mantêm vínculos afetivos com essas espécies, sugerindo a importância de animais para as relações humanas. Além disso, diversos estudos também evidenciam o potencial da participação de animais em situações clínicas. O presente trabalho teve como objetivo avaliar as mudanças de comportamentos em crianças após contato sistemático com um cachorro. Foram realizados oito encontros em uma creche na cidade de Bebedouro com 8 crianças de 5 a 6 anos. Para isso, utilizou-se uma cachorra da raça Bernese, com 11 meses, treinada há sete meses semanalmente, sendo utilizado o método de reforçamento a atividades adequadas, além de objetos que facilitassem o contato com a cachorra como escova e laços. As sessões aconteceram em uma sala da creche e foi gravada em vídeo. Posteriormente, foi analisada a frequência dos comportamentos de contato visual, aproximação, auxiliar, agressividade e interesse pelo cão. Observou-se que houve uma diminuição dos comportamentos de contato visual, aproximação e agressivos, havendo no decorrer das sessões um aumento gradativo dos comportamentos de auxílio, afiliativos e interesse pelo cão, como divisão da atenção da cachorra com o colega, convidando-o, por exemplo, para brincadeiras em conjunto, demonstração de afeto, carícias, bem como, interesse pelo cão em forma de questionamentos com relação a características física, origem e cuidados. Conclui-se que a presença do animal proporcionou as crianças uma tendência a socialização e que este método pode ser utilizado como recurso psicoterapêutico auxiliar.

Palavras Chave: terapia assistida por animais, agressividade, comportamento.

## ABSTRACT

The involvement of humans with pets has led to the development of a new type of relationship with its own particular characteristics and level of complexity; additionally, such affective types of relationship between people from diverse cultures and pets have been underscoring the importance of animals in human relations. Furthermore, several studies have unveiled the potential of the utilization of animals in certain clinical cases. This paper is intended to present the results of a study aimed at evaluating changes in children behaviors after a period of systematic contact with a dog. The process consisted of eight events at a pre-school organization in Bebedouro, with the participation of eight 5- and 6-year old kids. A female Bernese, 11-month old dog has been utilized in the study sessions; the dog had gone through a seven-month training program based on a specific method that reinforces adequate activities, in addition to its familiarization with certain objects that would be used to facilitate the interaction between the kids and the dog, such as brushes and laces. All the sessions took place in one given room of the pre-school and all have been videotaped. The videotapes were then utilized to analyze the frequency of eye contact, approximation, attempts to help, aggressiveness and interest for the dog. Over the sessions, it was observed a reduction in certain behaviors --- eye contact, approximation and aggressiveness --- and a gradual increase in other behaviors --- attempt to help, affiliation, and interest. This included the willingness of the kids to accept divided attention from the dog, its engagement in group activities, demonstration of affection, and caress. The children also demonstrated increased curiosity about the dog by asking questions about his physical characteristics, origin, and required care. The study led to the conclusion that the relationship with the animal generated in the kids a tendency toward socialization, and that the interaction with animals can be used as a supplementary resource in therapy.

Key words: animal-assisted therapy, aggressiveness, behavior.

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Freqüência do comportamento de contato visual apresentado nas seis crianças observadas durante as sete sessões. ....	25
GRÁFICO 2 - Freqüência do comportamento de aproximação apresentado nas seis crianças observadas durante as sete sessões. ....	25
GRÁFICO 3 - Freqüência do comportamento agressivo apresentado nas seis crianças observadas durante as sete sessões. ....	26
GRÁFICO 4 - Freqüência do comportamento auxiliar apresentado nas seis crianças observadas durante as sete sessões. ....	26
GRÁFICO 5 - Freqüência do comportamento afiliativo apresentado nas seis crianças observadas durante as sete sessões. ....	27
GRÁFICO 6 - Freqüência do comportamento de interesse pelo cão apresentado nas seis crianças observadas durante as sete sessões. ....	27

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	11
2 OBJETIVO.....	17
3 MÉTODO.....	18
3.1 <b>Participantes</b> .....	18
3.1.1 <u>Aninal participante</u> .....	18
3.1.2 <u>Local</u> .....	19
3.1.3 <u>Materiais</u> .....	19
3.1.4 <u>Procedimento</u> .....	20
3.1.5 <u>Pré-encontro</u> .....	21
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	23
5 RESULTADOS .....	25
6 DISCUSSÃO .....	29
REFERÊNCIAS .....	33
ANEXOS .....	35
ANEXO A – Animal utilizado na pesquisa da raça bernese .....	36
ANEXO B – Termo de aprovação do comitê de ética e pesquisa .....	37
ANEXO C – Termo de consentimento livre e esclarecido .....	38

## 1 INTRODUÇÃO

Os animais sempre estiveram próximos do homem participando de atividades de caça, tração, locomoção, pastoreio, guarda, companhia e tantas outras. Ao longo da história da humanidade, a domesticação de algumas espécies transformou tanto os animais quanto os hábitos e o estilo de vida das pessoas. Sendo que povos de diferentes culturas mantêm vínculos afetivos com essas espécies. O registro histórico mais antigo até hoje encontrado sobre essa relação é a descoberta de um túmulo em Israel datado de 12 mil anos atrás, onde foi encontrado o corpo de uma mulher idosa enterrada com sua mão segurando um filhote de cachorro (DAVIS; VALLA, 1978, apud LANTZMAN, 2004).

Wilson (2004) tenta explicar esta relação referindo que:

“A coragem e a tenacidade com que um cão protege seu dono parecem ter origem na solidariedade que seus ancestrais selvagens encontravam as alcatéias. Nesse sentido, o cão atual é um lobo que vive numa matilha humana”.

Este autor afirma também que o homem tem necessidade de se sentir mais próximo da natureza mantendo um relacionamento com o animal. De modo que, nas últimas décadas, surgiu o crescente interesse científico pelo estudo da relação homem-animal, tendo em vista seu potencial terapêutico.

O primeiro relato da participação de animais em tratamento de saúde na sociedade ocidental contemporânea foi do século XVIII, na Inglaterra. O retiro de York – instituição psiquiátrica que empregava métodos terapêuticos considerados mais humanos para a época – mantinham, nos pátios e jardins freqüentados pelos pacientes, coelhos, falcões e aves domésticas. Acreditava-se que o contato com eles despertavam muito mais que um prazer inocente, mas sentimentos de sociabilidade e benevolência, porém não foram feitos estudos sistemáticos que comprovassem esta hipótese, (SERPELL, 2000, apud ALTHAUSEN, 2006).

No século XIX, houve um grande crescimento da participação de animais nas instituições mentais da Inglaterra e demais países europeus e americanos.

Mas, foi a partir da década de 60, que o psicólogo Levinson (1969) iniciou uma série de estudos de situações clínicas nas quais tentaram comprovar que a presença de animal era fundamental no processo terapêutico. A relação da criança

com o animal permite contato diferente dos estabelecidos com pessoas e objetos inanimados, pois os animais respondem às brincadeiras, diferente de um brinquedo.

Em seu primeiro artigo “O cão como Co-terapeuta”. Levinson (1962) relata sua experiência psicoterapêutica com uso de animal:

Uma criança trazida pelos pais por apresentar um aumentado grau de comprometimento tendo sido recomendada hospitalização; chegando ao consultório o cão se aproximou da criança e começou a lambê-lo e esse não demonstrou medo, mas sim começou acariciá-lo. Os pais queriam separar a criança do cão, porém foi aconselhado que deixassem a criança. Após algum tempo ali brincando a criança perguntou se sempre o cão brincava com as crianças que vinham ao consultório. Tranqüilizada diante da resposta, voltou a brincar com o cão. Por várias sessões a criança brincou com o cão ignorando totalmente a presença do terapeuta, gradualmente com um pouco de atenção eliciada pelo cão o terapeuta foi sendo incluso na brincadeira. Lentamente foi se estabelecendo um bom relacionamento de trabalho e a eventual reabilitação desta criança.

Uma das características da espécie canina que favorecem o vínculo com o ser humano é a interação social e uso de mecanismos de comunicação. Portanto a espécie canina e o ser humano se desenvolvem na interação com demais componentes de seu meio ambiente social. Assim, o cão adquiriu um importante papel na sociedade contemporânea, sendo foco de fortes vínculos afetivos. (ALTHAUSEN, 2006, p.17).

Variados foram os termos utilizados para nomear as intervenções com uso de animais: Levinson (1964), definiu como pet therapy (Terapia com animal de Estimação); posteriormente adotou-se o nome de pet psychoterapy (psicoterapia com animal de Estimação), delimitando a área de atuação do psicólogo. Após surgiram outros termos como: Human/Companion Animal Therapy, Animal Facilitated Therapy (Terapia Facilitada por Animal) e Zooterapy (zooperapia). As intervenções com a participação de animais atualmente são denominadas: Animal Assisted Activity (Atividade Assistida por Animais – AAA) e Animal Assisted Therapy (Terapia Assistida por Animais- TAA) esta com propósito mais específicos e direcionados a melhorar o funcionamento físico, social, emocional e cognitivo, enquanto que a Animal Assited Activity (Atividade Assistida por Animais – AAA) é realizada por profissionais da saúde, por ter a função motivacional, educacional, lúdica ou terapêutica.

Pesquisas tentam compreender o movimento emocional entre pessoas e seus animais. Berzins (2000), tendo em vista demanda existente na situação em que

peças idosas possuidoras de grande número de animais eram denunciadas, ao Centro de Controle de Zoonoses da cidade de São Paulo, devido ao grande número de animais que mantêm em suas casas, propôs conhecer as interpretações que essa população atribuía a essa relação.

Constatou-se que existia uma ausência de círculos afetivos de familiares e muitas vezes estes eram ausentes, na verdade, essas pessoas se encontravam em completo isolamento social. Dessa forma, a relação com o animal passa a ser a única, pois se exclui o contato com outras pessoas. Esta relação homem-animal demonstra a importância da compreensão de como o animal é vivenciado por cada indivíduo.

Nicholas e Collis (2000) investigaram o efeito catalisador social que o cachorro fornece a quem o conduz. Segundo eles, o cão modifica e minimiza inibições entre pessoas estranhas do sexo oposto, atuando como um catalisador social por meio de observações e registro de trocas sociais quando o experimentador caminhava em áreas públicas com o cão treinado para não solicitar atenção dos transeuntes. Observou-se um aumento das interações que ocorreram em contatos breves, embora tenham surgido contatos mais prolongados e que continuam em outros dias mesmo sem a presença do cão.

Foi realizada pesquisa por Steffens e Bergler (1998), com 80 cegos, sendo 40 com cães guias e 40 sem cães guias. O resultado demonstra que o suporte social fornecido pelo cão auxilia o cego a lidar com fatores estressantes para ele como, dependência dos outros, problemas sociais e problemas de comunicação.

Estudos foram realizados com uma garota do sexo feminino, de 16 anos com paralisia cerebral tipo tetraparesia (com grande dificuldade de controle motor e rigidez muscular), atendida por profissionais da área da saúde. O animal, uma cadela, permaneceu com a garota por um período no qual realizava atividades livres com a presença da fonoaudióloga, fisioterapeuta e terapeuta ocupacional. Foram feitas observações como os movimentos que a garota conseguiu realizar jogando, por exemplo, a bolinha para a cadela. Nesta situação, mesmo mostrando dificuldade para abrir e fechar a mão, efetuava o movimento que antes lhe causava sofrimento chegando a chorar. Observou-se, assim, que com a presença da cadela realizava o movimento sem perceber, ou seja, o movimento ganhou um sentido que envolvia a afetividade e o interesse pelo animal; bem como o controle da motricidade ao incentivar a paciente e escovar a cachorra e segurá-la numa guia, o que fez

desenvolver uma maior capacidade de percepção por meio do toque do animal. Quanto à fonoaudióloga, com o interesse da paciente, pode-se trabalhar a estimulação da linguagem.

Em 2002, quatro adolescentes com síndrome de Down, participaram de sessões semanais de atividades assistida por animais (AAA). Para estas atividades foram realizados 15 encontros gravados com alunos de uma escola de educação especial do interior de São Paulo, com idade entre 11 e 18 anos. Para isso, os alunos visitaram um sítio onde viviam cães adestrados e os profissionais, tanto da escola quanto do sítio, planejaram atividades tendo como objetivo favorecer o desenvolvimento motor, lingüístico e emocional desses pacientes.

Diante das diferentes atividades com os animais, cada jovem reagia de modo diferente. Quanto aos resultados, observou-se reações diversas entre os participantes. Em uma determinada situação observou-se que houve uma rica experiência de identificação com o animal, e ainda em outro momento foi oferecida à oportunidade de escolha para cada um quanto ao tipo de obstáculo que iriam transpor, favorecendo assim a possibilidade de escolha e a expressão da maneira de ser de cada um. Observou-se, ainda, ocasiões de investimento afetivo no animal. O cão pareceu assumir diferentes funções para os adolescentes, sendo que para uns demonstrou um outro significado para suas habilidades, para outro, motivo de defesa, curiosidade e descoberta. Enquanto que em outras atividades foi propiciado uma maior integração grupal. Os encontros evidenciaram a variedade de experiências emocionais que podem surgir com o contato com cães. A partir desta análise, foram encontrados subsídios para sustentar uma proposta de intervenção psicanalítica. (ALTHAUSEN, 2006).

Os campos de aplicação da Atividade Assistida por animais são muito vastos e vão desde a terapia de reabilitação de pacientes com distúrbios físicos ou comportamentais, à prevenção de estados depressivos e de enfermidades cardiovasculares. (DELARISSA, 2003).

Consultando a literatura, percebe-se que grande parte das pesquisas buscam comprovar a eficácia da terapia assistida por animais, atribuindo valor terapêutico a essa intervenção. (DELARISSA, 2003).

Nota-se que o contato com animais pode ser o ponto de partida para o desenvolvimento de diferentes habilidades. O contato com o animal é usado muitas vezes, como um recurso para o estabelecimento de comunicação com o paciente,

pois ele reúne características específicas que o tornam apto para interagir com os mesmos. Sua prontidão em oferecer afeto e contato tátil em todos os momentos e situações, aliado à confiança despertada, provocam uma resposta recíproca da pessoa em interação. O animal vai funcionar como um elemento intermediário entre o terapeuta e o paciente, evitando que se sinta invadido. Neste caso o animal facilita as intervenções. (DOTTI, 2005).

Nas observações casuais, nota-se o interesse de uma criança por um animal, porém não foram encontrados estudos que usassem os animais para verificar mudanças comportamentais em crianças sem um transtorno. Os estudos apontam a importância da interação social de crianças para seu melhor desenvolvimento. As formas como os pais interagem e educam seus filhos é crucial à promoção de comportamentos socialmente adequados ou de comportamentos considerados pelos pais e/ou professores, como inadequados, os quais são entendidos como “déficits ou excessos comportamentais que prejudicam a interação da criança com pares e adultos de sua convivência”. (SILVA, 2002).

Alguns pesquisadores apontam para a existência de uma ligação entre práticas educativas e comportamentais anti-sociais dos filhos, à medida que as famílias estimulam estes comportamentos por meio de disciplina inconsistente, pouca interação positiva, pouco monitoramento e supervisão insuficiente das atividades da criança. (SILVA, 2002).

Quanto à agressividade estudos apontam que filhos expostos a violência por longos períodos frequentemente comportam-se de forma agressiva. (SILVA, 2002).

Contudo pode-se afirmar que os comportamentos “problema” das crianças e a agressividade nos diversos ambientes que ela frequenta são, na verdade, reflexo do padrão comportamental ensinado em casa e reforçado de alguma forma pelos pais e educadores.

Assim, estas crianças, ao ingressarem no ambiente escolar, passam a repetir este padrão, que, somando-se às dificuldades dos professores em lidar com as mesmas, faz com que comportamentos inadequados persistam, prejudicando a aprendizagem e a socialização. Afinal, dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento são duas variáveis bidirecionais, isto é, são causas e efeitos simultaneamente, havendo uma co-ocorrência entre elas.

Para Palácios (1995), a escola é, junto com a família, a instituição social que maiores repercussões tem para a criança. A escola não só intervém na transmissão

do saber científico com inclui em todos os aspectos relativos aos processos de socialização e individuação da criança.

No entanto as atividades socializantes presentes nas creches, bem como a modelação de novos padrões comportamentais das mesmas podem contribuir para a extinção do “comportamento problema”, auxiliando assim, nos recursos mantenedores.

A partir desses apontamentos e baseada pelas experiências positivas com o uso de animais relatados na literatura e considerando que o assunto ainda são escassos em nosso país, decidiu-se desenvolver este estudo com a intenção de explorar a possibilidade do emprego da terapia com animais e crianças em creche.

## 2 OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivo avaliar as mudanças de comportamento de crianças de 5 a 6 anos, após contato sistemático com o cachorro.

## 3 MÉTODO

### 3.1 Participantes

A proposta teve como objetivo trabalhar com crianças nas faixas etárias 5 e 6 anos, freqüentadores do Centro Comunitário Alto da Boa Vista – CEI “Lourenço Santin”. Foram indicadas pela instituição 13 crianças, sendo 6 meninas e 7 meninos, consideradas como crianças em situação de risco por viverem em locais que presenciavam situações violentas e de abandono.

O horário dos encontros coincidia com o período escolar dos alunos e, quando algum deles faltava da escola, também deixava de comparecer ao encontro.

#### 3.1.1 Animal participante

A cachorra participante pertence a pesquisadora, que foi adquirida após avaliação de especialista sobre seu temperamento e adequação para este tipo de pesquisa. A cachorra da raça “Bernese” foi escolhida por ser muito dócil e ser a mais indicada para estudos e intervenções que utilizam animais. A cachorra tinha, no momento, 11 meses e foi treinada por 7 meses semanalmente para participar deste projeto. Neste treino, é utilizado o método de reforçamento das atividades adequadas, com ausência de punições. A cachorra recebe banhos semanais com germicida e sua alimentação é feita com ração seca de qualidade, além de acompanhamento com veterinário que acompanha a saúde do animal, realizando controle parasitológico, vacinação, exames complementares e orientação na manutenção da higiene e alimentação.

### 3.1.2 Local

A presente pesquisa foi feita em um Centro Comunitário, localizado no Alto da Boa Vista, bairro do Município de Bebedouro, que atende 75 crianças no ensino básico, creche e pré escola, na faixa etária de 1 ano e oito meses a 6 anos, em período integral, de segunda a sexta-feira. Sua equipe é composta por 7 professores, 1 coordenadora pedagógica, 1 diretor administrativo, 5 estagiários e 2 serviços gerais.

Os encontros aconteceram na própria creche, ou seja em uma das salas de aula da mesma. A creche está instalada em um prédio que contém 5 salas de aula, uma biblioteca, uma brinquedoteca, sala da administração, sala da coordenação, refeitório, cozinha, despensa, banheiros, uma área aberta toda gramada onde está instalado um parque com balanço, gangorra, casinha, escorregador e tanque de areia.

A sala onde foram realizados os encontros media aproximadamente 20 m<sup>2</sup> haviam duas janelas de correr e, uma porta. A filmadora foi colocada de maneira a captar imagem de corpo inteiro, bem como de todo ambiente. As crianças não tinham posição definidas na sala podendo ficar como quiserem em pé, sentadas ou deitadas.

### 3.1.3 Materiais

Os materiais utilizados neste trabalho foram uma filmadora de VHS da marca Sony, sendo que as sessões foram gravadas em 7 fitas 8mm, escova de dentes, escova de cabelo, laços, lenço de pescoço, fita, material de E.V.A., bolsa, capa de brim com velcro, bola de borracha amarela e azul, balão de encher (bexiga), guia.

### 3.1.4 Procedimento

Primeiramente, o trabalho foi submetido à aprovação do Comitê de Ética das Faculdades Integradas Fafibe, com o processo n. 094 (Anexo A) . Após, foi realizada uma reunião com os dirigentes da instituição, onde participaram diretor, coordenadora pedagógica, professor e pais de alunos, sendo apresentado o objetivo do projeto e solicitado que selecionassem os participantes. Assim, foi indicado as crianças do grupo laranja que se encontravam dentro da faixa etária solicitada.

Definiu-se a frequência dos encontros semanal, com dia da semana e horário fixos. A duração de cada encontro que poderia variar de cinquenta minutos a uma hora e meia, a, depender, das condições de estresse do cão. Os pais ou responsável pelas crianças assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) autorizando a participação no projeto. As crianças que faltaram duas vezes ou mais nos dias que o contato com o cão ocorreu, foram excluídas da análise de dados, mas foram mantidas nas sessões. Assim, a criança não fica excluída do grupo durante o contato com o cão e isto objetivava evitar outras interferências posteriores na sala de aula, como, por exemplo, esta criança ficar agressiva com os outros colegas por não ter participado do contato com o cão.

Foram realizados um total de 8 encontros, no período de outubro a novembro de 2008. Sendo que uma sessão foi de observação de linha de base e adaptação á presença da filmadora e a partir da segunda a cachorra foi inserida.

As crianças eram encaminhadas para esta sala em companhia do professor, e após a chegada da pesquisadora e do cão, o mesmo se retirava deixando as crianças.

Em todas as sessões, a pesquisadora responsável estava presente para auxílio do contato das crianças com o cão. Esse auxílio relaciona-se a ajudar a dividir o tempo do cão entre todos os participantes e não permitir que alguma criança machucasse a cachorra. A cachorra participou das interações com as crianças em oito encontros narrados abaixo.

### 3.1.5 Pré-encontro

Em dia anterior aos encontros a cachorra foi levada até a creche para manter um primeiro contato com as crianças, independente dessas serem participantes da pesquisa, a fim de que a conhecessem e, principalmente, para que a cachorra se ambientasse com o lugar. Este encontro ocorreu no pátio da escola durante o intervalo das atividades.

a) **encontro 1:** No encontro estavam presentes os alunos, o professor e a pesquisadora. Neste momento, a cachorra não foi inserida, pois o objetivo era a adaptação das crianças a filmadora.

As crianças formaram uma roda onde conversou-se sobre o motivo dos encontros, ou seja, que todas as semanas nos encontraríamos naquele dia e horário e que a cachorra estaria participando para que eles pudessem brincar com ela e os encontros seriam filmados.

As crianças prestaram atenção e cada uma começou a descrever e falar sobre o seu cão. Algumas crianças tinham um cachorro e outros não tinham;

b) **encontro 2:** Participaram neste dia 12 alunos, a pesquisadora e a cachorra. Neste dia foi entregue as crianças uma bolsa com objetos da cachorra, como pente, escova de dentes, laços de fita, pasta de dentes, fivelas. O objetivo era que as crianças brincassem com a cachorra de maneira livre sem interferência da pesquisadora;

c) **encontro 3:** Neste encontro 13 alunos estavam presentes, a pesquisadora e a cachorra. Tendo sido acrescentado aos objetos da cachorra, citados anteriormente caixa com letras do alfabeto de E.V.A. com velcro e uma capa colocada na cachorra também deste material. Tendo como objetivo a interação das crianças na formação de palavras e nomes, bem como, o consenso para colocação das mesmas na capa;

d) **encontro 4:** Encontravam-se no dia, 10 alunos, a pesquisadora e a cachorra. Além dos objetos citados anteriormente foi acrescentado números de E.V.A. aos objetos da cachorra. Com o objetivo de maior interação das crianças;

- e) **encontro 5:** No local se achavam presentes os alunos, a pesquisadora e a cachorra. Neste encontro não foi acrescentado nenhum objeto novo, tendo sido utilizado apenas os anteriores. O objetivo era de explorarem mais os objetos entregues anteriormente;
- f) **encontro 6:** Neste dia 12 alunos, a pesquisadora e a cachorra participaram do encontro. Uma bolinha de borracha colorida foi acrescentada aos objetos juntamente com os demais já citados.  
Com o objetivo de partilhar o brinquedo demonstrando o comportamento de auxílio entre as crianças;
- g) **encontro 7:** Na oportunidade 13 alunos, a pesquisadora e a cachorra estavam presentes. Utilizou-se os objetos anteriores, e introduziu-se mais uma bola colorida de borracha na cor azul e um lenço “de pescoço”. Visou-se observar o comportamento das crianças em relação a partilhar o brinquedo com os colegas;
- h) **encontro 8:** Fazia-se presente 10 alunos, a pesquisadora e a cachorra. Neste encontro não foi acrescentado nenhum objeto, além dos anteriores.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Para se atingir o objetivo proposto, registrou-se os encontros por meio de filmagem em VHS, pois havia a necessidade de buscar abarcar os fenômenos observados levando em consideração que existe poucos estudos no tema das relações pessoas e animais e assim, sendo os registros filmados viabiliza documentar cada encontro em sua riqueza de detalhes.

Também, outra característica presente na filmagem foi ter sido feita de maneira ampla não privilegiando essa ou aquela situação, favorecendo, assim um olhar para as experiências das crianças nas relações entre si, com o animal.

Com relação a análise, primeiramente, realizou-se a categorização de comportamentos a serem observados com base no objetivo da presente pesquisa. Assim, as categorias observadas nas sessões foram:

- a) contato visual: refere-se ao comportamento de se aproximar do cão porém apenas mantendo contato olho no olho, sem nenhum contato conforme o movimento corporal do cão se afastar demonstrando receio;
- b) aproximação sem tocar no animal: refere-se ao comportamento de manter-se distante do animal, porém com contato visual para com este. Sendo incluído nesta categoria: comportamento de olhar fixamente para o cão sem nenhum comportamento de aproximação (tais como: mudar a posição do corpo em direção ao cão, levar a mão próxima do cão);
- c) interação com o cão: sendo que este comportamento foi dividido em:
  - comportamento agressivo: disputar a atenção do animal fazendo com que este fique somente com ele. (brigando, tirando a guia, empurrando o colega);
  - comportamento de auxílio: dividir a atenção do animal com o colega chamando para brincadeiras em conjunto dividir o tempo de escovação do pêlo, dividir brinquedos, colocar laços na cabeça do cão, dar os comandos para o cão como dar a patinha, sentar, deitar).
- d) interação com o cão: sendo que este comportamento foi dividido em:
  - condutas afiliativas: refere-se ao comportamento das crianças com relação ao animal. Esta categoria se relaciona aos sorrisos, carícias,

beijar, abraçar, solicitar lambidelas, conversar com o animal, fazer leitura e cantar para o cão;

- interesse pelo cão: refere-se a aproximação e questionamentos para a pesquisadora sobre características físicas, origem, sexualidade e cuidados com o cão.

Essas categorias foram observadas, nas sete sessões, avaliando-se a frequência dos comportamentos descritos acima para cada uma das oito crianças incluídas nos estudos.

## 5 RESULTADOS

Após análise das frequências dos comportamentos observados, para a compreensão dos dados obtidos, os resultados gerais da pesquisa, em termos quantitativos, são apresentados a seguir:

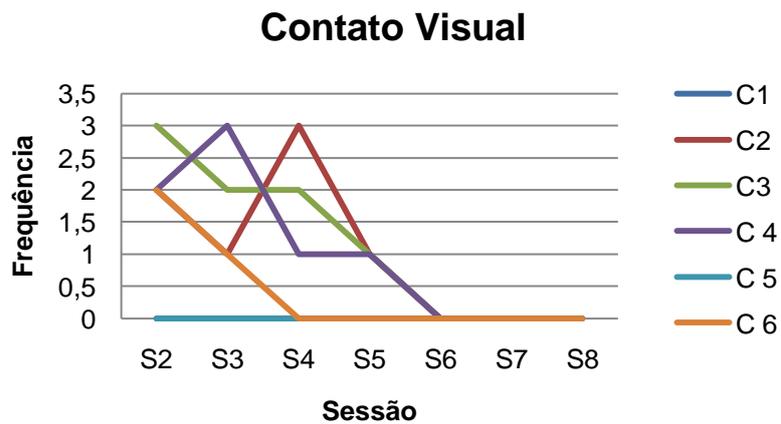


GRÁFICO 1 - Frequência do comportamento de contato visual nas seis crianças observadas durante as sete sessões.

Como se pode observar as crianças 1 e 5, não mantiveram contato visual com o cão. Sendo que as demais apresentaram comportamento de contato visual nas quatro primeiras sessões e após deixaram de mantê-lo.

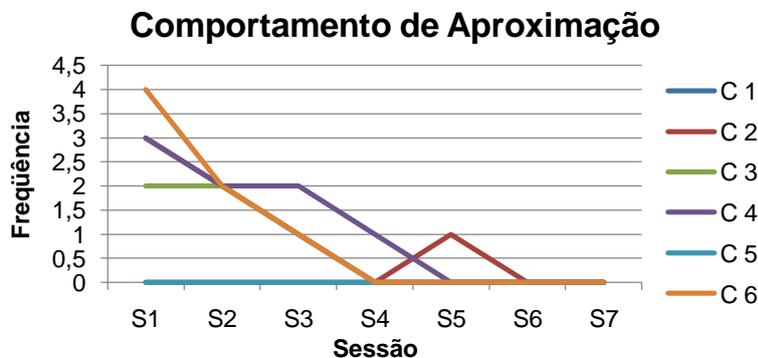


GRÁFICO 2 - Frequência do comportamento de aproximação nas seis crianças observada durante as sete sessões.

O gráfico mostra a criança 1 e 5 sem aproximação com o animal, sendo que as crianças as crianças 2, 3, 4 e 6 mantiveram contato de aproximação até a sessão 4 e após estas não mantiveram mais contato sem tocá-la.

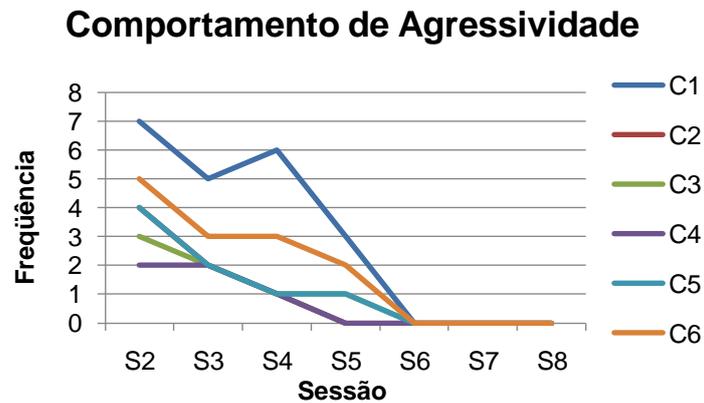


GRÁFICO 3 - Frequência de comportamento agressivo apresentados pelas seis criança observados em sete sessões.

Cruzando os dados do gráfico, pode-se notar que a criança 1 apresenta uma maior frequência de comportamentos agressivos seguido pela criança 6. A partir da sessão 5 observa-se que este comportamento não ocorreu mais durante a sessão. Nota-se também uma diminuição do comportamento agressivo em todas as outras crianças.

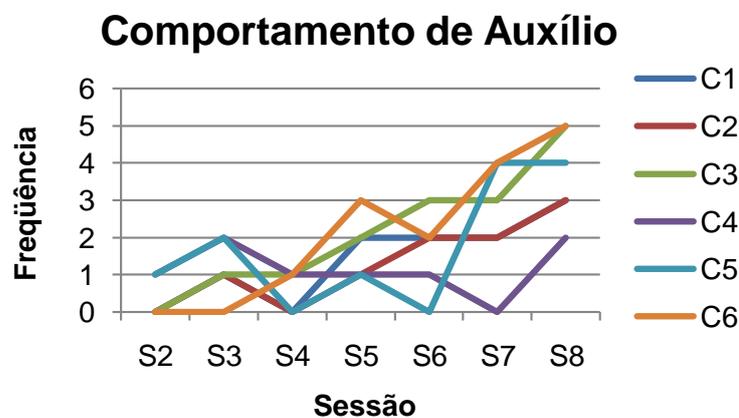


GRÁFICO 4 - Frequência de comportamento de auxílio apresentado nas seis crianças observada nas sete sessões.

Os resultados obtidos no gráfico mostram que a criança 6 apresentou comportamento de auxílio na sessão 3 e nas demais sessões houve um aumento deste comportamento, as demais crianças observadas tiveram um aumento gradativo do referido comportamento.

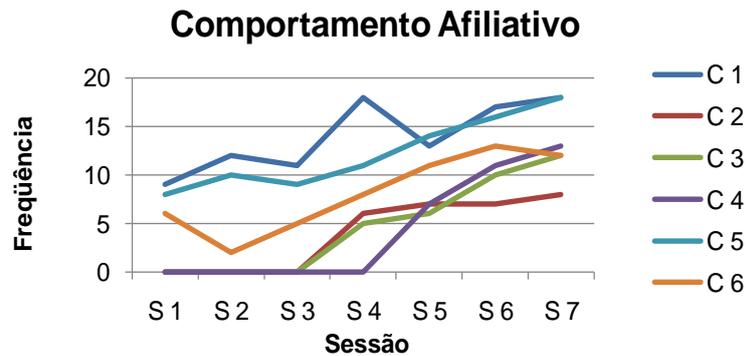


GRÁFICO 5 - Frequência de comportamento afiliativo apresentado nas seis crianças observadas nas sete sessões.

Os dados obtidos no gráfico 5 apontam que algumas crianças demonstraram comportamento afiliativo já na sessão 3 e se intensificou nas demais, ou seja, as crianças mostraram-se mais carinhosas em relação a cachorra no decorrer das sete sessões. Salienta-se também que as crianças 1, 5 e 6 desde a primeira sessão apresentaram comportamento afiliativo com o cão.

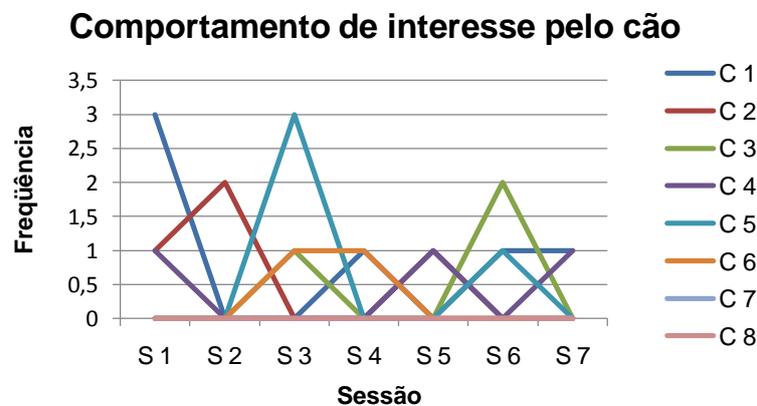


GRÁFICO 6 - Frequência de comportamento de interesse pelo cão apresentado nas seis crianças observado nas sete sessões.

Observa-se, no gráfico 6, as crianças que em diferentes momentos e sessões demonstraram interesse pelo cão, fazendo perguntas com relação as características física do animal, origem, sexualidade e cuidados com o cão, como, por exemplo: Como ela é grande? Ela tem um dente grande, né tia? Como é a língua dela? Porque ela respira rápido? Porque o dente dela é grande? ou ainda com relação a origem do animal: Onde você comprou ela? Quanto aos cuidados com o cão: Ela toma banho? Você escova os dentes dela? Onde ela dorme? Ela tem marido? Ela tem um quarto só dela? Ela tem professor igual o nosso? Dara você gosta de historinha? Ela ta com calor? A criança 1 teve mais participação em perguntas. Enquanto a criança 5 não fez nenhuma pergunta. As demais crianças mantiveram interesse pelo cão de forma instável.

## 6 DISCUSSÃO

A presente pesquisa permitiu avaliar as mudanças de comportamentos de crianças em uma creche após contato sistemático com um cachorro.

A escola exerce um papel importante na consolidação do processo de socialização, processo esse que ocorre já no início da vida da criança. Na escola adquirem-se modelos de aprendizagem que permeiam a sociedade. Um dos objetivos do processo de socialização consiste em que as crianças aprendam o que é adequado em seu meio e o inadequado seja extinto de sua aprendizagem.

No entanto as atividades socializantes presentes nas creches, bem como a modelação de novos padrões comportamentais das mesmas podem contribuir para a extinção de comportamentos problema, auxiliando assim, os recursos mantenedores. (SILVA, 2002).

As crianças, ao ingressarem no ambiente escolar, repetem o padrão, que, somando-se às dificuldades dos professores em lidar com as mesmas, favorecem os comportamentos inadequados, prejudicando a aprendizagem e a socialização.

“Comportamentos perturbados são causados por contingências de reforçamento perturbadoras, não por sentimentos ou estados da mente perturbadores, e nós podemos corrigir a perturbação corrigindo as contingências.” (GUILHARD, 2000).

Com isso comportamentos “problema” das crianças e a agressividade nos diversos ambientes que ela freqüenta são, na verdade, reflexo do padrão comportamental ensinado em casa e reforçado de alguma forma pelos pais e educadores.

Neste estudo, tem-se na freqüência um indicador a partir do qual é inferida a probabilidade de ocorrência de determinada classe de respostas e, conseqüentemente, o processo de fortalecimento ou enfraquecimento dessa classe. (SKINNER, 1953 apud SIDMAN, 1976).

Com os dados obtidos neste trabalho observou-se que como qualquer atividade lúdica, a interação com animais dá prazer, e isso ficou evidente entre as crianças, que sorriam, gargalhavam e até dançavam durante as sessões. Todas as crianças queriam tocar, pegar, escovar a cachorra mesmo aquelas que inicialmente tinham certo receio em se aproximar da mesma.

A relação que a criança estabelece com o animal, é diferente da que estabelece com uma boneca ou um ser inanimado, não há troca de palavras, mas a relação ocorre por meio de gestos e movimentos, permitindo que a mesma crie uma forma de comunicação onde pode expressar livremente sentimentos. (DOTTI, 2005).

Durante a terapia com os animais, as crianças têm oportunidade de aprender muito sobre eles. À medida que observam e discutem com o pesquisador e outras crianças sobre os comportamentos deles e como podem se sentir em certas situações, identificam características da raça, seus cuidados, suas necessidades e os cuidados que deve ter com eles, conseguindo receber e dar afeição apropriada. (DOTTI, 2005).

Podendo, com isso, estender esse comportamento aprendido nas suas relações com os adultos e colegas. Neste estudo, observou-se um interesse aumentado das crianças quanto ao comportamento do animal, isto pode ter ocorrido pela proximidade do animal com o comportamento das crianças. Vale lembrar que nem todas as crianças têm contato com os animais no seu dia-a-dia.

O contato visual mantido pelas crianças durante as primeiras sessões mostra a procura da interação afetiva, com o cão. No primeiro momento quando algumas crianças não têm um contato com o animal demonstrando um receio e aproximar-se requer um processo de interação com este. O cão tem em todos os contextos uma competência de atenção visual continua em relação aos humanos, bem como, comportamentos de interação desenvolvidos. (DOTTI, 2005). Podendo estabelecer facilmente e rapidamente relações de afeiçoamento com as crianças. Trazendo para as crianças tranquilidade, segurança, confiança, auto-estima. Observa-se, nos resultados apresentados, que essa interação também foi observada, havendo um aumento significativo da frequência do comportamento de contato com o cão e diminuição de olhar para o cão sem tocá-lo. Dessa forma, até as crianças obterem esta confiança, segurança e tranquilidade, mantinham um contato visual com o mesmo, porém através deste contato a criança irá estabelecer uma forma de comunicação com o cão.

Justificando, assim que no decorrer das sessões aquelas crianças que tinham certa dificuldade em manter um contato visual, passaram se aproximar do cão. E partir deste contato visual e aproximações sucessivas adquiriu confiança no animal para interagir com o mesmo, ou seja, foi instalado na criança e reforçado um

afeiçãoamento que a fez sentir-se segura, podendo assim deixar o seus medos e inseguranças com relação ao cão.

Segundo Montagner (2004):

“Os cães aceitam, criam e reforçam em qualquer momento, e em todos os contextos, interações proximais (...) que parecem sentir, compreender e partilhar emoções e afetos da criança”.

A criança 1 e 5 não mantiveram contato de aproximação com o cão, isto porque, desde o início elas crianças apresentaram contato tátil com o mesmo.

Quanto a agressividade, observa-se que crianças que apresentam dificuldade de domínio de relações interpessoais na infância, especialmente com seus colegas, pais e outros adultos poderão ter resultados negativos na vida adulta. Estudos mostram que a agressividade entre crianças encontra-se entre as mais freqüentes queixas comportamentais apresentadas pela clientela infantil (SILVARES, 1996), sinalizando que a demanda por tal tipo de atendimento é uma necessidade em nossos meios.

Neste estudo observa-se que as crianças 1 e 6 apresentaram agressividade com relação aos colegas na disputa pela atenção da cachorra no decorrer das sessões, porém, o cão pode desempenhar um papel essencial na atenuação e na extinção do comportamento agressivo (MONTAGNER, 2004). Podendo deste modo estabelecer-se fácil e rapidamente relações de afeiçãoamento com a criança trazendo para esta tranquilidade e afeiçãoamento. (MONTGNER, 2004).

Em contrapartida, observou-se, um aumento de comportamentos de auxílio com o colega, dividindo a atenção do cão e objetos deste, participando de brincadeiras em grupo, convidando os colegas a ler histórias infantis para o cão e cantar para ele. Demonstrando assim, uma socialização nas relações entre os colegas.

Os condicionamentos espontâneos que se instalam entre uma criança e o cão durante as atividades livres criam entre eles uma cumplicidade principalmente quando a recompensa é constituída de abraços, palavras amigáveis e carícias.

Bandura (1977) sugere que grande parte dos comportamentos socialmente manifestados resulta de um processo de observação, identificação, imitação e modelagem.

A modelagem é o resultado de modelos com os quais o individuo se identifica. Pessoas que lhe são próximas em interesses comuns, ou seja, na

expressão verbal e não-verbal, atos, exemplos etc.que pela observação gera a identificação.

A aplicação da psicoterapia em conjunto com a TAA vem sendo uma das áreas mais pesquisadas no exterior e, uma grande parte dos psiquiatras e psicólogos está analisando e formulando estudos científicos para poder comprovar seus benefícios.

A melhora da socialização, que são alguns dos objetivos alcançados pela terapia assistida por animais segundo a literatura, também foi observado entre as crianças desta pesquisa. Em relação aos benefícios dos animais para a comunicação e interação das crianças ficou demonstrado nas brincadeiras onde as crianças passaram a dividir os objetos da cachorra com os colegas e chamar os mesmos para brincadeiras com o cão. Podendo com isso ser instalado nestas crianças, o comportamento em outras relações fora da escola.

Os olhares concentrados, os comportamentos afiliativos, de auxílio, geram nas crianças curiosidades com relação ao animal, querendo conhecer mais sobre ele.

O cão pode proporcionar a criança um efeito tranquilizador e não gerador de ansiedade. A sua agressividade é amenizada, os seus atos de agressão são raros ou atenuados, não só em relação ao cão, mas também com relação as pessoas que encontra. (DOTTI, 2005).

A companhia dos animais pode afastar (...) o medo mesmo que temporariamente. Também favorece o desenvolvimento de sentimentos positivos, a troca de afeto e a sensação de conforto e bem-estar, à medida que propicia o estabelecimento de um vínculo com as pessoas. (DOTTI, 2005).

Conclui-se assim, que a presença do animal proporcionou as crianças uma tendência a socialização, e que este método pode ser utilizado como recurso psicoterapêutico auxiliar.

## REFERÊNCIAS

AUTHAUSEN, Sabine. **Adolescentes com Síndrome de Down e cães:** compreensão e possibilidades de intervenção. 2006.170f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ÀVILA, L. C. Conexionismo e equoterapia: relacionando-se com o mundo. **Revista Equoterapia**, n.5, p.3-5, 2001.

BANDURA, A. & IÑESTA, E. R. (1975). **Modification de conducta: Análisis de la agresion y la delincuencia.** México: Trillas. (Original publicado em 1973).

BERZINS, M. A. V. S. **Velhos, cães e gatos:** interpretação de uma relação. 2000. 132f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

BLEGER, J. **Simbiose e ambigüidade.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

DELARISSA, F. A. **O animal de estimação:** de companheiro tribal a objeto transicional: um ente avaliador das crises na pós-modernidade. São Paulo: Vertentes. 2003.

DELTA SOCIETY. **Atividade e terapia assistida por animais**, 19 mar. 2005. Disponível em: <<http://www.projetocao.com.br/main.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2008.

DOTTI, J. **Terapia e animais.** São Paulo: PC Editorial, 2005.

FARACO, C. B. **Animais em sala de aula:** um estudo das repercussões psicossociais de intervenção mediada por animais. 2003. 157f. Dissertação (Mestrado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2003.

GUILHARD, Hélio José. Análise Comportamental do Sentimento de Culpa. **Terapia por Contingência de Reforçamento.** 2000. Disponível em: <[http://www.terapiaporcontingencias.com.br/pdf/helio/analise\\_comportamental\\_sentimento\\_culpa.PDF](http://www.terapiaporcontingencias.com.br/pdf/helio/analise_comportamental_sentimento_culpa.PDF)>. Acesso em: 26 de set. 2008.

IAHAIO. Disponível em: <<http://www.iahaio.org>>. Acesso em: 02/07/2005.

LANTZMAN, M.O. **O Cão e sua família**: Temas de Amor e Agressividade. 2004. 100f. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica São Paulo, São Paulo, 2004.

LEAL, G.; NATALIE, K. Animais terapeutas. **Viver Mente e Cérebro**, São Paulo, ano 14, n.169, p.40-61. fev. 2007.

LEVINSON, B.M. **The dog as a co-therapist**. Mental Hygiene, v.46, p.59-65,1962.

MONTAGNER, H. **A criança e o animal**: as emoções que libertam a inteligência. São Paulo: Artes Gráficas, 2004.

PALACIOS, J.; COLL, C., MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SIDMAN, M. **Coersão e suas implicações**. São Paulo: Ed.Livro Pleno, 1995

SILVA, A. T. B.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de Psicologia**. Natal, v.7, n.2, p.227-235, 2002.

SILVARES, E. F. M. É satisfatório o atendimento psicológico nas clínicas-escola brasileira? In: CARVALHO, R. M. L. L. (Org.). **Repensando a formação do psicólogo**: da informação à descoberta. Campinas: Alínea, 1996. p.137-145. (Coletâneas da ANPEPP)

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SILVEIRA, N. **O mundo das Imagens**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

WILSON, O. E. **Biophilia**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

ANEXOS

ANEXO A – Animal utilizado na pesquisa da raça Bernese



## ANEXO B – Termo de aprovação do comitê de ética e pesquisa



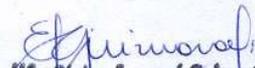
**Faculdades Integradas Fafibe**  
Mantenedora Associação de Educação e Cultura do Norte Paulista  
CNPJ 57.713.281-0001-47

Bebedouro, 05 de Setembro de 2008.

Ilma Sr(a).  
Prof(a). ANDREZA CRISTIANA RIBEIRO  
CURSO DE PSICOLOGIA

Parecer nº 0094/2008

O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP, das Faculdades Integradas Fafibe, constituído de conformidade com a Portaria nº 16, de 06 de Maio de 2008, da Direção Geral, e nos termos da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde tendo avaliado, nesta data, o projeto de pesquisa intitulado “**AVALIAÇÃO DE ALTERAÇÕES DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS DE UMA CRECHE APÓS USO DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS**”, de V.Sa., resolveu enquadrá-lo na categoria **APROVADO**.

  
Prof. MSc. Elaine Leonise Guimarães  
Coord. do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP  
Faculdades Integradas Fafibe

## ANEXO C – Termo de consentimento livre e esclarecido

## TERMO DE ESCLARECIMENTO

**TÍTULO DO PROJETO:** Avaliação de Alterações de Comportamento em crianças de uma creche após uso da Terapia Assistida por Animais

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar do estudo de avaliação de alterações de comportamento em crianças de uma creche após uso da terapia assistida por animais. Vários estudos apontam que a relação com os animais melhoram as relações com as pessoas e aumenta a percepção do indivíduo de seu mundo. Assim o objetivo deste estudo é observar o comportamento da criança após esta relação com o animal e caso você autorize a participação do seu filho(a) você poderá obter todas as informações que julgar necessário e poderá não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízo no seu atendimento. Pela participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não será de sua responsabilidade. O nome do seu filho(a) não aparecerá em qualquer momento do estudo, preservando assim, sua identidade.

Bebedouro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_\_\_\_\_

---

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

**TÍTULO DO PROJETO:** Avaliação de Alterações de Comportamento em crianças de uma creche após uso da Terapia Assistida por Animais

Eu, \_\_\_\_\_, li e/ou ouvi o esclarecimento sobre o projeto e compreendi para que serve o estudo, e qual(is) procedimento(s) meu (minha) filho(a) será submetido(a). A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará meu tratamento. Sei que seu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo.

Diante desse entendimento eu autorizo a participação do meu (minha) filha (o) \_\_\_\_\_ impúbere, nascido aos \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, a participar do estudo, na qualidade de voluntário(a).

Bebedouro, ...../ ..... / .....

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário ou seu responsável legal

RG. N.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador orientador

Telefone de contato dos pesquisadores: \_\_\_\_\_

Para notificação de qualquer situação de anormalidade que não puder ser resolvida pelos pesquisadores poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Integradas Fafibe, pelo telefone (17) 33447100 – Ramal 228.